

l'ensemble constituant une unité économique et culturelle. Les limites réelles du *conventus* s'alignaient sur les hauteurs des massifs de Nogueira et de Bornes qui dominent à l'ouest toute cette zone. Cette ligne de partage devait aboutir à la vallée du Douro, dans la région de la confluence du Sabor avec ce fleuve, près de Moncorvo. De toute façon, il nous semble nécessaire d'éliminer des milliers du Nord-Ouest l'inscription de Gostei et faute de témoignages plus nombreux la théorie avancée par J. de Castro Nunes et M.<sup>a</sup> D. Estefanía Álvarez apparaît de moins en moins convaincante.

\* 13 Rue Aliénor d'Aquitaine  
86000 POITIERS  
FRANCE

ALAIN TRANOY \*  
Maître-assistant à l'Université de Poitiers, membre  
du Centre Pierre Paris de Bordeaux.

### As gravuras rupestres da fonte do Prado da Rodela

(Meirinhos — Mogadouro)

Meirinhos é freguesia do concelho de Mogadouro, e fica a uns 15 km a sul da sede do concelho. Estende-se, pelo poente, ao longo do rio Sabor que a separa da freguesia da Parada, concelho de Alfândega da Fé. Pelo sul confronta com a freguesia de Carviçais, concelho de Moncorvo.

A uns 2 km para leste de Meirinhos fica o Prado da Rodela.

Ali há uma fonte com água todo o ano, e que, mesmo nos verões mais quentes nunca secou. Tem água que abunda para rega da horta anexa. Por isso é famosa aquela fonte da horta do Prado da Rodela.

A fazer parede em talude à poça ou presa, onde se junta a água da nascente, está uma fraga xistosa de superfície lisa, ligeiramente inclinada e saliente da terra cerca de dois metros.

Sensivelmente a meio daquela superfície lisa há uma estaladela que corre da direita para a esquerda e de cima para baixo.

Na porção acima da estaladela, e em pouco mais de 1 m<sup>2</sup> há profusão de sulcos em forma de naveta, que foram obtidos por abrasão da rocha, manejando objecto duro e pontiagudo em movimento de vai-vém.

Os gravados estendem-se numa área irregular sensivelmente elíptica, com 1,20 m de comprimento por 92 cm de altura (Figs. 3 e 4). Muitos sulcos parcialmente tapados por líquenes e havia musgo que tapava outros.

As gravuras são todas do tipo litostríptico <sup>(1)</sup> e têm a forma de naveta. São todas em sulcos mais fundos e mais largos na parte média e terminam em pontas aguçadas, de modo que o fundo do sulco vem alteando para as pontas e a morrer na superfície da pedra. Os gravados são quase todos direitos. Alguns são de sulco tão pouco fundo que pode dizer-se serem pouco mais que riscados. Mas há-os afundados.

No conjunto avultam, sensivelmente a meio, 5 sulcos mais compridos e mais fundos, quatro dos quais emparelhados 2 a 2. O grupo, ou parelha da esquerda, é formado por um grande sulco com 3 ondulações alongadas, tem 51 cm de comprimento e o parêlho 37 cm. São fundos, com cerca de 1,5 a 2 cm de profundidade, têm de boca no sítio mais largo 2 a 2,5 cm, e estão separados um do outro cerca de 2,5 a 3 cm.

Os dois da direita, separados um do outro por cerca de 4 a 5 cm na zona média, são um pouco mais pequenos que o grupo similar acabado de referir. Neste segundo grupo o da esquerda tem 29 cm de comprimento e 2 cm de boca; o seu parêlho, situado à direita, tem 33 cm de comprimento, 3 cm de boca e quase 3 cm de fundura na parte média; é o mais largo e o mais fundo dos quatro sulcos acabados de descrever.

---

(1) No trabalho *Arte Rupestre*, comunicação apresentada a I.º Congresso do Mundo Português, Congresso de Pré e Proto-história de Portugal, I.º Volume, Lisboa, 1940, págs. 327 a 376, 26 figs., na nota do fundo da pág. 375 escrevi: «Ao ilustre Professor e distinto filólogo dr. Francisco Torrinha devo a gentileza de, a uma consulta que lhe fiz sobre o assunto, ter criado os vocábulos seguintes: *litostíctico*, do grego *lithos* = pedra e *stirtos* = picado; de *stizein* = picar, imprimir marca com instrumento agudo ou ardente. *Litostríptico* do grego *lithos* e *tripsis* = fricção; de *tribein* = esfregar.

Entre estas duas parelhas de grandes e fundos sulcos, há uma cova subelíptica de bordos irregulares e fundo rugoso que parece ter sido aberta a ponteiro. Continua-se para a direita e para cima por um pequeno e pouco fundo sulco, a que se segue uma covinha perfeitamente circular, e a esta um sulco de um pouco mais de 40 cm de comprimento. A cova subelíptica, a covinha e os sulcos parece terem sido picotados.

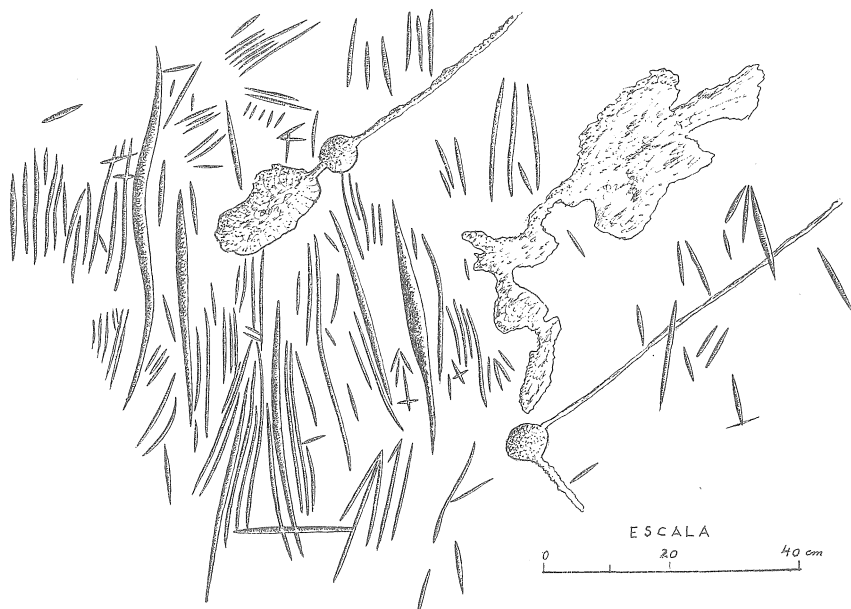


Fig. 1 — Gravuras da Fraga da Fonte da Rodela: o conjunto tem 1,20 m de comprimento por 92 cm de altura.

Quem sabe se teria sido algum sonhador do tesouro de que aquelas gravuras seriam o indicativo, o qual, armado de ponteiro e martelo picotou aquele sulco e respectivas covas.

Outra covinha, também circular e picotada, sensivelmente do mesmo tamanho da covinha circular anterior, fica um pouco à direita e a 15 cm da ponta inferior do sulco o mais fundo de todos.

Esta covinha da parte inferior do conjunto continua-se por dois sulcos, um para baixo e um pouco para a direita com

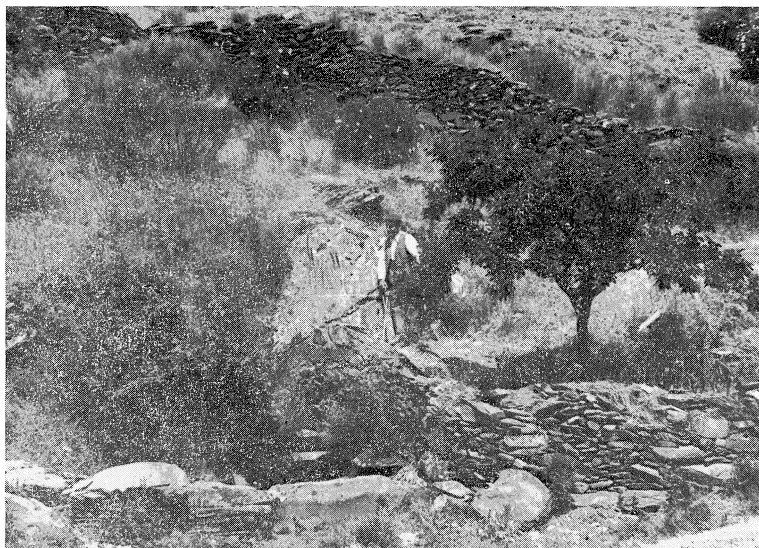


Fig. 2 — A Fraga da Fonte do Prado da Rodela, sobranceira à presa em que se juntam as águas da nascente.

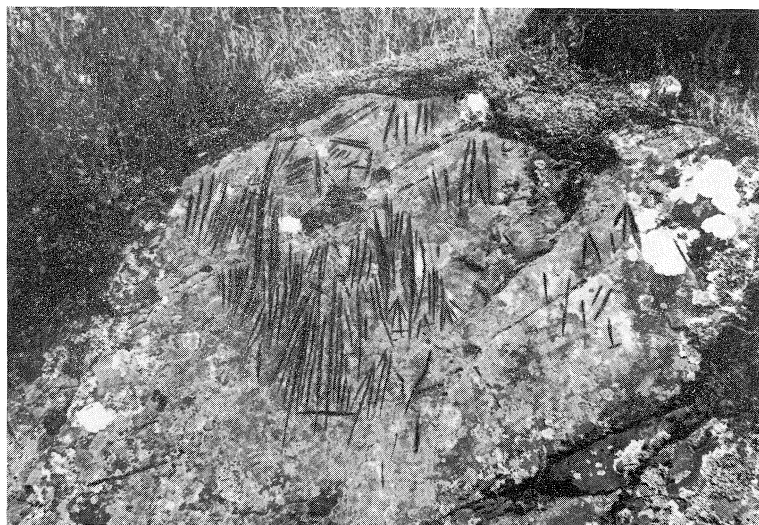


Fig. 3 — Fotografia de conjunto de gravuras avivadas a carvão.

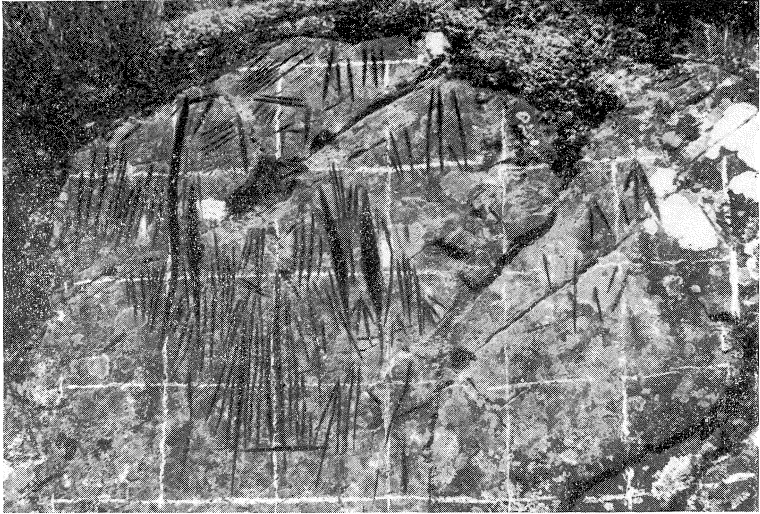


Fig. 4 — A fraga quadrículada a giz em quadrados de 20 cm de lado, auxiliares do desenho.

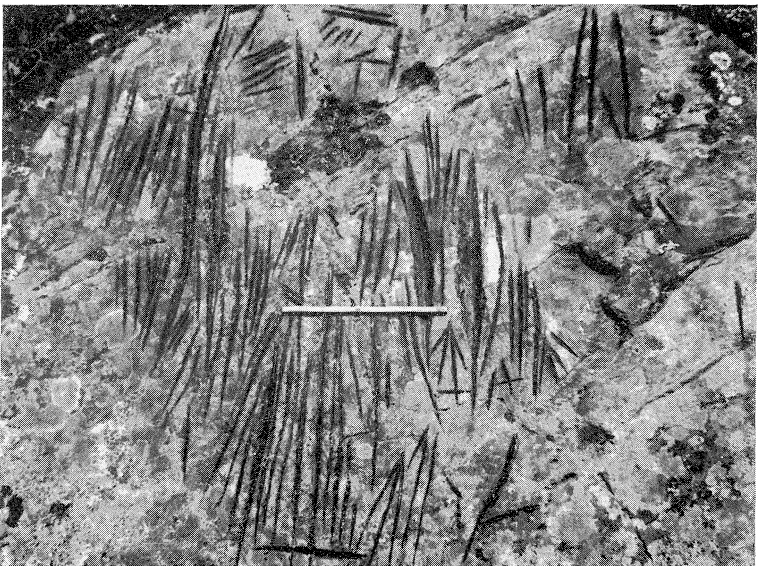


Fig. 5 — A escala a meio da fotografia mede 20 cm.

uns 15 cm de comprimento, e o outro, com um pouco mais de 45 cm de comprimento, segue para cima e para a direita em direcção que forma com o anterior um ângulo recto.

A maior parte dos gravados são rectos, mas há-os mais ou menos ondulados, e quase sempre postos lado a lado uns dos outros formando conjuntos de 2, 3, 4 e 6 traços em paralelismo mais ou menos perfeito. Mas também os há confluentes, em arranjos singulares, embora em pequeno número.

Olhando o conjunto sente-se que houve o propósito de aproximar certos gravados junto de outros, formando grupos, o que parece corresponder a um propósito deliberado, e, consequentemente, com significado próprio.

Qual seria esse propósito e o seu significado?

Não é fácil descortiná-lo.

Dado que à periferia do conjunto dos gravados há porções da pedra de superfície lisa, nas mesmas condições da área onde se amontoam os sulcos, admite-se, como interpretação lógica, ter presidido à manufactura daquela mais de centena e meia de gravuras, a intenção formal de as ir riscando umas ao lado das outras.

Sendo assim, os gravados da zona média seriam anteriores aos da periferia.

Como na base daquela pedra nasce a água daquela fonte perene, pois não há memória de ter secado mesmo nos verões mais cálidos e secadios, é lógico admitir que aquelas gravuras, muito possivelmente, devem reflectir manifestações de homenagem e gratidão àquela famosa veia de água límpida e puríssima.

Poderá, quiçá, considerar-se como remoto testemunho de veneração a uma entidade transcendente e sobrenatural protectora daquela fonte, notável pela sua perenidade.

Como de um modo geral as gravuras rupestres são justamente consideradas pré-romanas, se atribuírmos àquelas gravuras o significado de homenagem e veneração à entidade sobrenatural protectora da fonte, essa manifestação de sentido mítico seria antecessora do culto às ninfas de que nos falam tantas aras do período lusitano-romano.

A pedra com gravuras fica, como já se disse sobranceira à poça ou presa da água com que o Sr. Amândio Bernardino Gonçalves rega a sua horta.

As gravuras foram descobertas por meu filho Joaquim Norberto, que lá me levou no dia 26 de Janeiro de 1979.

O Sr. Amândio Gonçalves teve a gentileza de nos acompanhar.

É possível que haja lendas em torno daquelas gravuras, que, no entanto disse desconhecer.

Mas contou-nos que, há bastantes anos, uma bela manhã um cabreiro foi buscar um cântaro de água àquela tão famosa fonte. Em dada altura apareceu-lhe uma grande cobra, grossa como um braço e com farta cabeleira na cabeça. O pobre do cabreiro apanhou tal susto, e ficou tão aterrado, que nunca mais lá voltou à água.

As fracas condições de luz naquele dia de fim de Janeiro de 1979 não permitiram que as fotografias que então tirei ficassem pelo menos sofríveis. Lá voltei em 13 de Maio de 1979 para tirar novas fotografias e colheita de elementos complementares.

A falta de quaisquer objectos de natureza arqueológica que tivessem aparecido junto da pedra com as gravuras, e mesmo a singeleza dos sulcos dos gravados não nos permitem formular qualquer hipótese de datação cronológica.

De qualquer modo trata-se de um tipo de gravuras que não é frequente na área de Trás-os-Montes tão rica de estações de arte rupestre.

Não temos conhecimento no nosso país de nenhuma estação do tipo da do Prado da Rodela e, sobretudo com a profusão de singelos sulcos rectos ou ligeiramente ondulados, em grupos de acentuado paralelismo.

A cronologia de um grande número de gravuras rupestres é difícil de estabelecer com segurança.

O ilustre galego Dr. Sobrinho Buhigas, que foi reputado especialista da arte rupestre do noroeste peninsular, no seu belo trabalho *Corpus Petroglyphorum Galaeciae*, publ. do «Seminário de Estudos Galegos», Compostela, Galiza, 1935,

na pág. 32 escreveu: «*Attamen per multa petroglypha manent quibus difficilium est tempus certum stabilire*».

Certamente que o significado das numerosas estações de arte rupestre não deve ser o mesmo em todos os casos, embora em todos possa haver o mesmo fundo de religiosidade e de magia, ligado a velhos cultos de propiciação ou outros, dos quais a alma humana ainda não está de todo isenta, apesar de muitos séculos terem rolado sobre muitos dos venerandos rochedos cobertos de siglas indecifráveis, que os líquenes revestem e os musgos por vezes escondem.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»  
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto  
Dezembro de 1979

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR \*  
Antigo Director do Instituto de Antropologia  
«Dr. Mendes Correia» e Presidente da Sociedade  
Portuguesa de Antropologia.

\* Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4470 Maia

---

### As fíbulas de prata do Museu de Chaves

No Museu Municipal de Chaves há três pedaços de fíbulas de prata (Figs. 1 e 2), sem indicação de procedência, mas que, seguramente, devem ter sido achados em qualquer dos vários castros da região de Chaves. São fíbulas castrejas tipicamente trasmontanas.

A peça maior é um arco, quase completo, quebrado no ponto onde estaria ligado à patilha da fêmea da charneira. Tem o comprimento de 25 mm e pesa 2,90 gr.

A outra peça, a mais pequena, é uma porção de outro arco de fíbula, com o comprimento de 17 mm e o peso de 1,85 gr.